

REALIDADE CIDADINA: A CONCRETUDE DA PALAVRA DE RÉGIS BONVICINO EM PÁGINA ÓRFÃ

Assíria Leite COELHO¹

RESUMO: Este artigo se propõe a discorrer acerca da obra *Página órfã* (2007) de autoria do poeta contemporâneo brasileiro Régis Bonvicino. Através do Estudo de Caso, foram feitas análises de artigos que tratam sobre a escrita do autor, além de ensaios de teóricos que estudam a sociedade. A ideia central é que, através do entendimento dos temas abarcados pelo poeta, seja possível compreender sua visão de mundo e como ele retrata as consequências da mistura do lixo e do luxo no espaço urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia contemporânea brasileira; Contexto urbano atual; Régis Bonvicino;

Régis Rodrigues Bonvicino nasceu na cidade de São Paulo, em 1955, e começou sua carreira literária aos 20 anos. A obra tratada possui 52 poemas sendo que o último da coletânea leva o mesmo título da obra.

O tema que rodeia os poemas da obra em questão são os problemas sociais do mundo pós-moderno. O poeta possui um caráter peculiar, o que permite que possa ser destacado de outros que trabalham no mesmo âmbito temático – o que será possível perceber ao decorrer das análises.

Devido à situação do mundo globalizado e como se encontram as pessoas que foram/são marginalizadas pela sociedade capitalista, é de suma importância analisar poemas que rodeiam os temas urbanos, uma vez que a leitura e o entendimento destes poderão proporcionar um novo olhar acerca da realidade urbana atual.

O poeta retrata cenas dos espaços das cidades em decomposição de forma ousada e irônica, e tenta ser o mais límpido possível em relação à desgraça que testemunha nas ruas, traços que compõem sua personalidade de escrita. Segundo ele, os cenários que apresenta são concretos: cenas que testemunhou. Imagens caricatas e

¹ Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, cidade de Uberlândia/MG, Brasil. Orientador Prof. Dr. Sérgio Bento. Departamento de Letras. E-mail: assiria.leitte@gmail.com.

mosaicos bem definidos são os elementos que compõem sua obra *Página órfã*.

Bonvicino é conhecido por ser um poeta polêmico e provocador, pois escolhe cenários deploráveis, nos quais a grande maioria da população está sujeita a sobreviver, para transformar em poesia; enquanto faz ironias e referências diretas àquelas minorias que possuem poder e tantas mais oportunidades que esses *outros* nem sonhariam. Sendo um poeta imagético, ele brinca com as cenas em que a banalização das relações humanas, num estado de caos absoluto no meio urbano, destrói a integridade dos seres instalados nas ruas das cidades. As palavras que escolhe para retratar o que observa são um tanto quanto singulares, merecendo total atenção.

Em vista de que o poeta gosta de passear pela realidade dos indivíduos marginalizados, ele o faz de forma a transparecer episódios em que pessoas de classes mais abastadas demonstram não saber que tais indivíduos passam por tais situações – ou em que simplesmente as ignoram. A falta de amparo a esta parte da população – a falta do Estado – transforma-os em indivíduos que passam a ser

não mais encarados como pessoas que seriam “reeducadas”, “reabilitadas” e “restituídas à comunidade” na primeira ocasião, mas veem-se definitivamente afastadas para as margens, inaptas para serem “socialmente recicladas”: indivíduos que precisam ser impedidos de criar problemas e mantidos a distância da comunidade respeitosa das leis. (BAUMAN, 2009, p.25).

O que gera uma segregação cada vez maior; justamente onde a crítica de Bonvicino se instaura e se baseia: nas precárias condições que este grupo social quase que inexistente para o Estado se encontra.

Durante entrevista realizada com o autor, Bonvicino (2018, Anexo) comenta que “a maioria das imagens são imagens vistas, captadas das ruas e recriadas a partir de um estatuto estético”, ou seja, ele captura a cena e a transcorre a partir de seu ponto de vista. Partindo disto, é interessante observar que esse é um traço marcante de Régis: a capacidade de fazer recortes de momentos que chamam

sua atenção e transformá-los em poesia de acordo com sua ótica crua, concreta, caricata e, muitas vezes, irônica.

Em relação à obra em questão, o crítico João Adolfo Hansen (2007) coloca que o leitor “poderá supor que *Página órfã* é reprodução naturalista, ‘imitação de vida’.” Ou seja, é uma escrita de descrições minuciosas, mas que, porém, caricata dos recortes que o poeta quer tratar. O crítico ainda argumenta que “Bonvicino faz contínuas menções teóricas à palavra como elemento construtivo da realidade do possível de sua arte”.

A busca de Régis pelo cruel da vida das cidades, das cenas do lixo urbano em contraste com a riqueza exorbitante dos prédios empresariais é incessante. Este *lado* da moeda – o lado que a sociedade prefere fingir que não existe – o interessa e o desafia a retratá-lo. Em entrevista (2018, Anexo), Bonvicino comenta: “Eu transito por partes consideradas perigosas da cidade. Como a Cracolândia por exemplo. Ou mesmo em bairros de classe média ou bairros ricos sempre há coisas que, como você diz, são impactantes.”. Ou seja, essas cenas são o que move sua escrita, seu insumo indispensável; são *vivas* e inacabáveis, mas são também negadas por aqueles que transitam por esses mesmos cenários todos os dias e nada fazem, nem mesmo se comovem – a naturalização deste estado de desintegração social é assustadora, uma naturalização do sofrimento alheio. O exercício trabalhoso de retratar este meio urbano em decomposição é uma tentativa de chamar a atenção àqueles que são tidos como dignos de eliminação total e vistos como inúteis – já que praticamente o são devido à sua incapacidade de serem cidadãos atuantes na sociedade em consequência da estrutura nenhuma que o Estado lhes ofereceu/oferece.

Sendo assim, é interessante analisar o 17º poema de sua obra:

Roupoema

Seus dentes poderiam fazer merchandising
de maconha
embora façam de Colgate
dos lóbulos caem pingentes

to sell ou vender
seus pés não pisam em piso falso
e andam descalços
num clipe ou num filme

Nestas primeiras duas estrofes, é possível perceber a confusão que a personagem tem sobre ela mesma, a escolha do autor de trazer uma marca – uma bastante influente no mercado, como “Colgate” – demonstra sua vontade de evocar o capitalismo como um agente real na situação de sua protagonista. “To sell ou vender”: neste verso, o uso do inglês nos anúncios é ironizado; a esta altura, essas futilidades não a transmitem sentido, quer ser liberta de tudo; “seus pés não pisam em piso falso” está certa de que não se engana quanto a nada, nada a detém. Então, a cena cai para seus pés nus, os quais trazem para o cenário toda essa sensação de já estar despida de toda a sua sensatez e esperança. Já se confunde em meio àquele recorte que está condenada a habitar;

seus pés anunciam
uma sandália de plástico imputrescível
Vênus pu(t)ibunda
bebe de tudo, nos bastidores,

Como se seu próprio corpo fosse anúncio daquilo que veste; “imputrescível”, aquilo não é suscetível de apodrecer, nem o poderia, pois significaria apodrecer-se a si mesma, pois é tudo que possui para anunciar; Vênus, a deusa do amor, como símbolo da sedução de si mesma que a entrega aos delírios.

agora se parece às vezes
com um travesti
também
agora Hollywood está a seus pés

“Com um travesti”, exemplo das mesclas que o poeta faz com cenas fixas do mundo real junto aos delírios da protagonista; Hollywood – capitalismo atuante novamente, desse não há como se

COELHO, A. L.

esquivar – como exemplo de seu “merchandising”, esse ela já o fez; cansou de titubear, vai à luta.

posa, cheia de si
se exhibe com peitos de silicone
veste casacos, no inverno, de pele de lontra
ou de alguma outra espécie

Neste, a protagonista já sente que é dona de si própria; “peitos de silicone”, delírios de desejos profanos que impostos por essa Hollywood a fazem querer todo aquele mundo glamoroso; “casacos, no inverno”; se exhibe mais esquecendo-se de sua real circunstância. Volta a lembrar que não pode ser, senão, um reflexo do lixo que apodrece ao seu redor, ou melhor, já não quer mais se importar – destino de muitos que se encontram à beira do mesmo precipício. As cenas que o autor tece dão a entender uma rotina repetente.

sua cabeça está cheia de cocaína escondida
declara ter hobbies e entre eles
o predileto: fazer blow job
é mais asséptico, sob controle

e poupa o clitóris
preservando o cheiro do cosméticos
no corpo e nas roupas
nos lábios, botox

De volta à cena primeira; enche a boca para falar de como é gloriosa, mas não se esquece de seu sexo, não tem vergonha de o cantar, prefere declará-lo antes que alguém o faça; “poupa o clitóris” se poupa do prazer, aquele que, de todos, era o que mais guardava para si, mas o poupa; “nos lábios, botox” ainda se ilude com a banalidade que não existe, senão, em sua cabeça delirante.

o nariz anuncia um perfume alegórico
de seus cabelos longos e ondulados,
caem letras cegas, se refletem flashes
de vez em quando, usa uma gargantilha

Percebe-se neste trecho uma conversa com seu corpo e a
anúnciação de coisa nova, delírios e mais delírios; cria uma rotina que
não existe para pôr em evidência a vaidade que não quer se livrar.

limpa sua própria língua
principalmente o dorso posterior
com um produto novo
para segurar o hálito

Se entrega novamente ao sistema pagão, não o nega:

não vende roupa
vende os lábios
os lábios vendem a boca,
cornucópia de si mesma

ouve tecno e hip hop
digita no papelote
Não sabe escrever nada
Além do próprio nome

A boca, por fim, a representa por completo, é sua própria
“cornucópia”. No último verso, torna a realidade brusca de seu
cotidiano.

É possível relacionar a esta análise, em relação a essa confusão
de cenas que Régis relata, o poema *O beco*, de Manuel Bandeira, no
qual descreve cenários bonitos, - “Que importa a paisagem, a Glória,
a baía, a linha do horizonte? / - O que vejo é o beco” - mas, que no
final, alega que tudo que enxerga é o beco, um fechamento, o fim; se
sente extasiado, mas ao mesmo tempo não alcança o que o anestesia,
mas sim enxerga somente o fim sem saída, um real inóspito. Assim
como no poema de Régis, não importa o quanto a personagem sonhe
com um mundo que “deveria” - ou o qual acredita que deveria -
pertencer a ela, sempre retornará ao beco de sua realidade, o lixo, a
rua fétida a qual lhe é incumbida a habitar.

O poema analisado, *Roupoema*, é capaz de retratar uma das
características mais cativantes de Régis: a de manusear as cenas como
recortes; esse mosaico que cria tecendo por fim suas ideias em relação

COELHO, A. L.

àquele episódio é marcante e determinante em sua escrita. A ideia que trouxe nesse poema de que tudo no final se resume ao fato de que a pessoa “Não sabe escrever nada/ Além do próprio nome”, rótulo que a resumirá a partir desta condição que possui, e seus desejos e sonhos são deixados de lado trazendo à tona o consumismo que invade todos os delírios bizarros, deixam claras as intenções de desenhar e de chamar atenção a como essas relações entre coisas e pessoas se sucedessem em momentos extremos, como com uma moradora de rua ‘chapada’ de cocaína. A forma como a necessidade de se sentir pertencente a esse mundo do luxo afeta e destrói qualquer traço de sanidade de uma pessoa marginalizada é visível em suas obras, e a maneira como ele as projeta é ainda mais intrigante.

A estudiosa Teresa Caldeira, em seu livro *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo* (2000), discute bastante sobre as causas e as consequências da segregação. Ela diz:

A combinação de medo da violência, reprodução de preconceitos, contestação de direitos, discriminação social e criação de novas fórmulas para manter grupos sociais separados certamente tem características específicas e perversas em São Paulo, mas ela também reflete sobre processos sociais de mudanças que estão ocorrendo em muitas cidades. (CALDEIRA, 2000, p. 23)

Em consonância com a afirmação da pesquisadora, está o poema que acaba de ser analisado, que ilustra como se encontram física e moralmente as pessoas vítimas desse preconceito e segregação social. Afirmando ainda mais como as consequências graves que esses movimentos repetidos na sociedade pós-moderna afetam a população marginalizada. É ainda mais interessante a questão de que Caldeira (2000) se refere a São Paulo, cidade que Régis *vive* e transcorre sobre.

Segundo Bauman (2009), a “exclusão irrevogável é a consequência direta, embora imprevista, da decomposição do Estado social, que hoje se assemelha a uma rede de poderes constituídos, ou melhor, a um ideal, um projeto abstrato. ”, ou seja, essa exclusão a toda uma classe da população tem precedentes e fatores históricos

que a comprovam. Esse desamparo a estas pessoas jogadas para a vida sem o mínimo de instrução é o reflexo de um silêncio do Estado, um silêncio ensurdecador, que desdenha dessa parte da sociedade que é apagada e ocultada com todas as forças. Não é de se surpreender que tal classe pobre queira e almeje o estilo “hollywoodiano” de viver, pois ele simboliza *ser*, simboliza *estar* no espaço enquanto pessoa; dessa forma, ou seja, pertencendo a este contexto, o respeito lhe é atribuído, assim como outras coisas mais. *Roupoema* é um retrato feito de uma vida que é desejada apenas por ela proporcionar uma oportunidade – mesmo que vaga – de, de fato, *viver*.

Tratando agora do poema *Rotina*, a começar pelo título é de se esperar que a narrativa se tratará de um cotidiano que o autor recorta. Régis começa figurando um cenário de horror, destaca um momento grotesco e o trata como normal, retratando estas imagens tão fortes como se estas fossem de paz e tranquilidade. O outro ponto estrutural do poema constitui-se no fato de que foi dividido em duas partes por um ponto. Dessa forma, o poeta, talvez, tente traçar uma comparação entre as passagens.

Rotina

Um mendigo
ao revirar
uma lata de lixo
arrancou o pino
de uma granada
que decepou seu braço
os estilhaços perfuraram
seu olha esquerdo
e destroçaram seus lábios
e dentes, um vira-lata
morreu na hora
Gostava
da vida despedaçada
que o acolhia –
em sua explosiva rotina

Nesta primeira metade, uma cena concreta, mas que, a partir do fato de haver uma granada no lixo que um mendigo revira – coisa nada comum –, traz uma certa inverdade ao texto, entretanto a cena ganha sentido novamente, pois é entendida pelo resto da narrativa como apenas mais um dia comum. Uma vida despedaçada que o acolhe, uma rotina explosiva: a decadência dessa realidade é tão horrenda que já é costume ser despedaçado.

Já a segunda metade carrega a ideia de que este episódio é na verdade um momento de “alívio” que é disponibilizado na cidade pós-moderna, um suspiro luxuoso de paz que é permitido a quem está fadado a “viver” neste campo.

É possível, então, relacionar este poema a um de Carlos Drummond de Andrade, “Cidadezinha qualquer”², em que o eu lírico descreve o cotidiano de paz em uma cidade pequena, do interior, na qual nada acontece. Régis, por sua vez, em seu poema, traz a transformação do horror em tédio cotidiano, utilizando-se de linguagem impassível para descrever cenas sórdidas como se fossem algo natural; assim sendo, em *Rotina*, o poeta descreve qual é o cenário de “paz” que se pode encontrar nos dias de hoje. Segue, então, a outra parte do texto, antes separado da primeira por um ponto:

Viva, em vermelho vivo
no muro
dois mendigos
largados na calçada
dormindo
indiferentes ao carros que passam
e ao alívio
da brisa
que atenua o calor de dezembro
um vira-lata dorme também
tranquilo

Como é de se perceber, Bonvicino usa a aliteração para chamar atenção ao trecho – “Viva, em vermelho vivo” – trazendo sonoridade e força ao recorte como se ele mesmo fosse vivo e cru; “e ao alívio/

² “[...]. Um homem vai devagar. / Um cachorro vai devagar/ Um burro vai devagar. / Devagar... as janelas olham. [...]”

da brisa/ que atenua o calor de dezembro”, onde começa a tranquilidade da imagem, criando um contraste de uma cena de horror sendo ela também uma cena rotineira e sossegada, rotina que se pode observar pelas cidades, onde mendigos se acostumaram ao brutal de tal forma que esta já se torna natural, só mais um dia de calor.

Em sua entrevista, o poeta comenta que seu fazer poético baseia-se em cenas reais (2018, Anexo), em coisas que presenciou e presencia, a vivacidade de sua escrita é acentuada e sua peculiaridade de tratar os recortes que faz das ruas é, como ele mesmo coloca, próprio dele.

Segundo o crítico Hansen, Bonvicino tem plena consciência da sociedade que habita – e do espaço que habita, que é São Paulo –, assim como também sabe “que palavra cão não morde, que a poesia é uma espécie de miséria incluída na miséria maior que a desdenha e ignora.” (HANSEN, 2007), ou seja, que não adianta *latir*.

Tais observações abrem espaço para a apresentação do próximo poema, o qual possui o mesmo título do livro, *Página órfã*. Este representa uma vida aparentemente cotidiana de mendigos; e, a começar pelo título, Régis insere a ideia de uma página que é órfã, portanto sem história, sem origens, uma coisa desgarrada, solta; mas que está ali e que, por fim, afirma-se enquanto página.

Na primeira estrofe, Régis toma um pensamento de interessante análise: ele assume que nem o poema é capaz de dar conta do real das ruas, como se as palavras não fossem suficientes para abarcar cenas tão complexas e duras como as do *cru* da vida; quando escreve “Um semáforo/ não cabe num parágrafo”, ele admite que os fatos que apresenta possuem tanta grandiosidade – a miséria do ser, a humilhação, a desumanização gradativa – que as palavras não conseguem oferecer recursos que sejam satisfatórios para transpassar a realidade da vida – ou melhor, daquelas vidas – para o poema; fardo que apenas os que são obrigados a viver nesse espaço deturpado que são as cidades – já gastas e corroídas pela classe dominante que há muito partira – são obrigados a carregar, e onde,

COELHO, A. L.

nesse contexto, o *semáforo* torna-se “cúmplice passivo/ dos mendigos”.

Sendo assim, uma das perguntas feitas ao poeta durante a entrevista diz respeito a este fazer poético, pois é um tanto quanto curiosa a questão de que mesmo assumindo que nem a poética é capaz de abarcar a realidade da vida urbana, Régis continua transcrevendo as cenas que presencia nesses espaços. Ele então explicou que

O poema pode criar uma tensão com a realidade exata quando ele se torna esteticamente uma realidade autônoma. A arte não dá mesmo conta do real, do chamado real. É este dilema que detecta que me desafia a escrever. Escrever poemas específicos, irreduzíveis, concentrados, com palavras. Eu aceito quaisquer outras formas de poesia, mas considero um desafio fazer uma poesia de reflexão, objetiva. (BONVICINO, 2018, Anexo)

Ou seja, Bonvicino escreve, pois se sente desafiado por esse real a transcrevê-lo para o papel e transformá-lo em poema.

presentes no velório,
porta da garagem,
dos quatro ratos assassinado
por pigmeus finados

fãs de tãatos
Uma negra posterga seu semblante
na entremanhã seca
e parabólica dos prédios

Imagens onde a morte é a protagonista da vida rotineira; desta não se escapa. “Parabólica dos prédios”, cidade rodeia os crimes cometidos à humanidade.

Jesus é um recurso abstrato
que ela traz debaixo do braço
jardins de aspérulas
e cabeças-brancas

Jesus não é reconhecido, submete a uma fé cega; jardins de
flores brandas misturadas a caveiras, homens decompostos.

na calçada, uma caçamba
objetos abandonados
Nem uma dupla cabeça de Hermes
entenderia aquele homem

dormindo na cadeira
sobre o entulho e o lixo,
beco sem saída, página órfã,
nunca, imitação de vida

O fechamento do poema com a frase “imitação de vida” remete a toda essa busca por uma coisa que não existe. Uma vida marginalizada, banalizada e totalmente rechaçada; pessoas condenadas a viver num ambiente inóspito de morte forçando-se a acreditar numa figura que nem sequer sabem quem é; sem origem, afinal, ninguém sabe de suas histórias e talvez nem eles mesmos a saibam.

Bauman, em seu ensaio *Confiança e medo na cidade* (2009), aponta para a criação de “espaços de fluxo”, – espaços da qual a classe dominante se evade – advindos do “progresso”, quando essa parte abastada da população, após industrializar e, por consequência, destruir estes espaços/cidades, se vão, deixando apenas lixo para trás. Ou seja, deixando para trás este estado de caos físico e social das cidades àqueles que não têm condições de sair de lá, que é justamente onde essas pessoas que Régis retrata se encontram.

Outro fato de interessante análise sobre o poema é que a capa do livro parece ilustrar o texto em questão. Veja a capa na Figura 1:

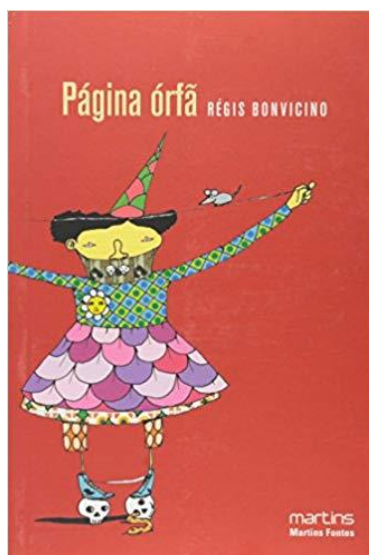


Figura 1 - Capa do livro “Página órfã”³

Percebe-se a caricatura de uma criança bem magra anunciando o título “Página órfã” bem acima de sua cabeça, como se ela, representando a vida marginal, fosse a órfã; usando chapéu de festa como se tivesse algo para celebrar, como se a situação fosse cômica; a boca não se vê, portanto a expressão facial é duvidosa; se apoia em cima de caveiras, fazendo-as de apoio, ou seja, a própria morte a sustenta; ratos passeiam por sua brincadeira e seus calçados estão amarrados um no outro; na blusa, uma flor delicada de rosto calmo, como as aspérulas trazidas no poema.

Grafites (México) é outro poema de importante análise onde o poeta faz ironias ao capitalismo selvagem que agride artefatos culturais e sagrados:

No caminho para as Pirâmides,
paracaidistas ou favela dizia o guarda
molto prazer
en hablar, en cantar!

•

(No tiene dinero
pero no te preocupes
ante vivo
que muerto)

³ Ilustração de *Osgemeos* (Disponível em <<https://goo.gl/ghvxkp>>).
MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 43-60

•

Nas Pirâmides
camiseta da Nike concorrendo
com estatueta
do deus asteca da terra

Na entrevista, Régis diz: “a arte não dá mesmo conta do real, do chamado real. É este dilema que detecta que me desafia a escrever. No poema *Grafites (México)* ele se atreve a falar tão abertamente sobre como o capitalismo abala e passa por cima de questões antes tidas como tão importantes. No trecho “(No tienes dinero/ pero no te preocupes/ antes vivo/ que muerto)”, traz a crueldade que relações de poder criadas pelo próprio homem ultrapassam o mesmo e o quanto o social se perde em meios onde o dinheiro circula com tanta facilidade. Régis também se utiliza de uma língua estrangeira – uma das características recorrentes de sua escrita. É intrigante a escolha do país, onde a cultura já se tornou moeda de troca e palco de destino para turistas.

Segundo Bauman (2009), “as cidades contemporâneas são os campos de batalha nos quais os poderes globais e os sentidos e identidades tenazmente locais se encontram, se confrontam e lutam”, no sentido de que essa luta por espaço nas cidades é imprescindível por significar a própria *sobrevivência* dos indivíduos que ali ainda habitam. No poema mostrado anteriormente, *Grafite*, essa luta definitiva em que as marcas – em resumo do que o capitalismo representa –, os produtos e as relações criadas pelo próprio homem – de forma desenfreada e bruta – passam *por cima* do mesmo, no sentido de que só há lugar para os que podem fazer parte deste mundo do capital, do mundo em que as “camisetas da Nike” são mais relevantes do que uma cultura inteira. Segundo Bauman (2009), “a desorientadora variedade do ambiente urbano é fonte de medo, em especial entre aqueles de nós que perderam seus modos de vida habituais e foram jogados num estado de grave incerteza pelos processos desestabilizadores da globalização”, ou seja, a crescente expansão do fluxo de estrangeiros em espaços antes fechados e

COELHO, A. L.

“seguros” faz com que a vida antes habitual/cultural se perca em função do *mix* de pessoas de diferentes culturas abrigadas e circulando no mesmo espaço. A confusão de identidades ocasionada pela globalização em cidades grandes – ou não – faz com que haja uma perda imensa da cultura local, e o que resta são resquícios de um passado já distante e perdido que deixou para trás lugares turísticos vendidos para visitação.

Em conclusão, a partir das análises dos poemas e da entrevista realizada, é possível perceber sua tamanha preocupação em transcrever a realidade citadina de um lugar tão conturbado que é a cidade de São Paulo, assumindo, contudo, sua derrota em tentar equiparar a palavra ao cenário de horror com o qual nos acostumamos a viver. Além disso, a obra *Página órfã* de Bonvicino trata com o material social e as cenas urbanas, de forma direta e crua. Suas marcas de escrita, como a exploração de termos em línguas estrangeiras, a pontuação atípica e irregular, palavras brutas, imagens caricatas, menção a marcas e empresas renomadas, todos estes instrumentos poéticos compõem a sua peculiar identidade literária, o que reforça sua importância na cena da poesia urbana brasileira das últimas décadas, ao lado de autores como Tarso de Melo, Alberto Martins e Claudia Roquete-Pinto.

COELHO, Assíria Leite. Realidade citadina: a concretude da palavra de Régis Bonvicino em *Página órfã*. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 43-60, 2019.

CITADINE REALITY: THE CONCRETUDE OF RÉGIS BONVICINO'S WORD ON *PÁGINA ÓRFÃ*

ABSTRACT: This article proposes to discuss about the book *Página órfã* (2007) authored by the Brazilian contemporary poet Régis Bonvicino. Through the Case Study, analyzes were made of articles that deal with the author's writing as well as theorists who study society. The central idea is that, through understanding the themes covered by the poet, it is possible to understand his worldview and how he portrays the consequences of the mixing of garbage and luxury in today's urban space, how this fusion is brought to the human being and the effects.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian poetry; Current urban context;
Régis Bonvicino.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BONVICINO, Régis Rodrigues. *Página órfã*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/ Edusp, 2000.

HANSEN, João Adolfo. A palavra-carcaça de Bonvicino. In: BONVICINO, R. *Página órfã*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 111- 127.

_____. Significando o fazer, até agora: a palavra poética de Régis Bonvicino. In: BONVICINO, R. *Até agora: poemas reunidos/ Régis Bonvicino*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. p. 517- 555.

Anexo

Entrevista com o Autor⁴

1. Por que a cidade contemporânea se tornou um tema recorrente em sua poesia?

Porque é na cidade que eu vivo, não só resido ou moro: vivo. Ela não é um cenário, mas um espaço vivo, um tempo vivo. Ou seja, eu preciso de situações concretas, de coisas que vi e vejo para escrever. Talvez se eu vivesse no campo, escreveria sobre as situações do campo, mas nunca vivi no campo. Não me atrai uma poesia abstrata, uma poesia subjetiva -- sou incapaz de falar de mim, de filosofar sentenciosamente. Preciso de coisas palpáveis, para começar a escrever um poema, coisas que me movam, coisas tangíveis. Por outro lado, a cidade, seja São Paulo ou outra qualquer, tem riqueza humana, tem riqueza de relações humanas. Tem paradoxos. Tem efervescência. A poesia -- não sei se ainda existe (?) -- trabalha com temas literários muito repetitivos, que eu procuro sempre abandonar. É mais arriscado, para o gosto cada vez mais médio, entrar em confronto com a cidade. Mas há uma certa tradição local de poetas que trabalham a cidade, Mário de Andrade (não aprecio muito), Oswald de Andrade, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e até João Cabral. Outro dia, relendo a Lira paulistana de Mário de Andrade, captei um verso palidamente baudelairiano: "O bonde está cheio/ De novo porém/ Não sou mais ninguém". É uma tradição inaugurada em nível global por Charles Baudelaire, dos "Pequenos poemas em prosa". Risos: não sei explicar muito o que faço.

2. As imagens presentes nos poemas de Página órfã são altamente impactantes. Elas nascem de visões que o senhor tem no cotidiano ou são forjadas a partir de sua imaginação?

⁴ Entrevista realizada com o autor Régis Bonvicino por e-mail, recebida em 10/09/2018.

A maioria das imagens são imagens vistas, captadas das ruas e recriadas a partir de um estatuto estético (o que falta demais na poesia de agora) muito próprio meu. Eu diria que eu sou um *objetivista*. Eu transito por partes consideradas perigosas da cidade. Como a Cracolândia por exemplo. Ou mesmo em bairros de classe média ou bairros ricos sempre há coisas que, como você diz, são impactantes. Elas precisam ser impactantes para mim e daí surge o poema. Eu queria ter sido cineasta neo-realista italiano. Eu queria ter sido Roberto Rossellini, P.P. Pasolini, Vittorio De Sica, Fellini, Michelangelo Antonioni. Estes são os artistas que eu mais admiro.

3. No poema Página órfã, o senhor admite a impossibilidade de o poema abarcar a realidade. Se a arte não dá conta desse real, o que o motiva a continuar escrevendo a partir de tal dilema?

O poema pode criar uma tensão com a realidade exato quando ele se torna esteticamente uma realidade autônoma. A arte não dá mesmo conta do real, do chamado real. É este dilema que detecta que me desafia a escrever. Escrever poemas específicos, irredutíveis, concentrados, com palavras. Eu aceito quaisquer outras formas de poesia, mas considero um desafio fazer uma poesia de reflexão, objetiva, nesta era de entretenimento. Acho que a poesia se deixou apropriar pelo entretenimento. Pelo amadorismo. Pelo decorativo. Mas, a rigor, eu deveria não mais escrever ante os impasses que me ponho. Esse tempo histórico acabou com a poesia: ela é uma expressão muito lateral. Eu tento deixá-la em algum lugar mais central. Provavelmente, em vão.